

## CAPÍTULO 7 – Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta<sup>244</sup>

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Poucas pessoas hoje, passados 22 anos do início do século XXI, ainda escrevem cartas. Embora o gênero pareça estar em extinção por conta de seus substitutos como o e-mail e as diversas redes sociais de mensagens rápidas, como WhatsApp, Telegram e demais equivalentes, as cartas se mantêm vivas ainda por conta dos textos que foram produzidos a partir delas, como *Cartas de Abelardo e Heloísa*, *Cartas a Théó*, *Cartas Portuguesas* etc., e dos estudos literários e de crítica genética. Há também os chamados romances epistolares, nascidos a partir de estratégias literárias baseadas em cartas que serviriam para produzir maior verossimilhança ao enredo e que, embora tenham encontrado sucesso no século XVIII europeu, cruzaram oceanos e continuam sendo lidos ainda hoje. É o caso de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, *Ligações perigosas*, Choderlos de Laclos ou ainda, mais recentemente, de *A caixa preta*, de Amós Oz. Ou seja, mesmo que hoje as cartas não sejam mais o gênero mais comum e eficiente de se comunicar com alguém à distância, elas continuam vivas seja pelos estudos que por elas se interessam, seja por outros gêneros em outros suportes que executam seu papel.

Ao falar de cartas também não podemos esquecer que, durante muitos séculos, foi apenas por via delas que pessoas das mais variadas partes do mundo podiam ficar frente a frente, embora esse encontro se desse apenas via papel e texto escrito. Quantos amores se mantiveram assim, à distância? Quantas terras foram por cartas anunciadas? Quantas mortes também chegaram por palavras registradas em missivas? Quantas emoções não foram vivenciadas tanto por quem escrevia quanto por quem recebia uma carta? Graças a esse gênero, muito cultivado, diversos leitores se sentiram, em determinados momentos, cara a cara com seus escritores favoritos, aqueles que eles nunca imaginaram estar mais próximos do que pelas folhas dos livros que liam. Experiências como essa última relatada são as que esse capítulo pretende apresentar levando em conta que, em algumas circunstâncias, os leitores de textos literários eram ousados a ponto de enviar cartas até mesmo a personagens das histórias lidas.

É o que aconteceu com Monteiro Lobato, escritor que dispensa apresentação, mas que talvez, nem todos saibam, foi um missivista contumaz. Dentre as muitas cartas que trocou com as mais diversas pessoas de seu rol de amizade e de negócios, famosas ficaram as publicadas em *A barca de Gleyre*, livro que reúne sua correspondência de mais de quarenta anos com o amigo mineiro Godofredo Rangel. Nelas, o caro leitor encontra uma recorrência à carta como meio de divulgação de suas ideias sobre literatura de forma geral (o que Lobato lia e pensava sobre os textos) e específica (aquela na qual ele acreditou e teve como mentora para suas obras), além de todos os outros assuntos em que ambos, Lobato e Rangel, eram versados e gostavam de trocar ideias via correspondência. Ademais, através

---

<sup>244</sup> Este capítulo é fruto dos estudos iniciais de pós-doutorado que a autora realiza, no presente momento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo.

dessas cartas e de inúmeras outras publicadas em diversas obras (*Cartas escolhidas, Correspondência entre amigos* etc.), depois da morte de Lobato, é possível que o leitor conheça o que o escritor pensava, afirmava, criticava ou defendia sobre os mais variados assuntos nos quais se envolveu enquanto vivo.

O mesmo ocorre na correspondência que Lobato trocou com muitos de seus missivistas crianças e jovens. Assim como diversos escritores hoje ainda vivos (Ana Maria Machado e Pedro Bandeira seriam dois exemplos), Lobato, morto em 1948, dedicava uma atenção privilegiada a seus jovens missivistas praticamente não permitindo que as cartinhas deles ficassem sem respostas. Muitas dessas cartas de crianças e jovens acabaram ficando com a amiga de Lobato, Marina de Andrade Procópio de Carvalho e, hoje, pertencem ao arquivo Raul de Andrada e Silva, que se encontra no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP). Nele há algumas curiosas missivas em que os remetentes, não satisfeitos por manterem correspondência com o autor, ousam enviar suas cartinhas a algumas das personagens da obra infantil de Lobato, a saber, Dona Benta e Emília. É dessa correspondência, enviada pelas crianças e jovens a Lobato, que esse texto pretende tratar, de forma geral, e da enviada a essas personagens, de forma específica.

### **Carta: um gênero polêmico**

Será a carta um meio de comunicação obsoleto? Walnice Nogueira Galvão, em artigo de 1998, para a revista *Manuscrita*, apresentaria a nossa dúvida já como afirmação, mas sem se esquecer de informar que a “carta também tem dado mostras de uma vitalidade proteica” e completa seu texto lembrando que “talvez [...] a epistolografia não esteja propriamente desaparecendo, mas meramente efetuando uma transferência de suporte e de visualidade, enquanto mantém sua função de comunicação interpessoal<sup>245</sup>” (GALVÃO, 1998, p. 53-54).

Acreditamos que isso seja um argumento bastante razoável para o que hoje presenciamos no universo das mensagens eletrônicas: nunca se viu, de maneira tão intensa e rápida, em virtude das facilidades da internet, pessoas trocando mensagens, fotos, documentos e até fechando negócios via redes sociais. Se enviar cartas foi um prazer dado a pessoas que sabiam escrever e ler (as que não sabiam, muitas vezes, ditavam o que queriam que outras escrevessem para elas e escutavam a leitura das missivas recebidas via fala das que sabiam ler), hoje, via aplicativos de trocas de mensagens, é possível gravar o texto, caso a pessoa tenha dificuldades com a escrita. Excluindo-se ainda o trágico número de analfabetos no Brasil, trocar mensagens, mesmo que de voz, ficou bastante democrático.

Não podemos nos esquecer de que as cartas eram, geralmente, pensadas, lidas, relidas (algumas vezes) e corrigidas antes de serem enviadas. Havia, de forma geral, uma espécie de “aura” que acompanhava o texto, afinal, era para uma pessoa especial, há muito não vista ou para alguém por quem o remetente tinha enorme apreço e se encontrava longe que a carta era pensada, escrita e enviada. Havia outros motivos também para se escrever uma carta como negócios, cobranças ou ainda para informar o falecimento de alguém. Ou mesmo para tentar diminuir a saudade de um amor distante, nas nem sempre tão “ridículas” cartas de

---

<sup>245</sup> GALVÃO, W. N. A margem da carta. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 7, 1998.

amor<sup>246</sup>. Seja lá qual fosse o motivo, receber uma carta era praticamente uma incógnita, pois nunca se tinha certeza do assunto com que o destinatário se depararia ao abri-la e lê-la.

Cultivar essa prática poderia também ser uma maneira de adentrar o mundo privado de alguém, ainda mais se esse “alguém” fosse um escritor. Com a correspondência, seria possível conhecer um pouco mais do que o escritor imaginava ou estaria imaginando para seu próximo texto. Talvez fosse possível sugerir alterações ou mesmo das sugestões para um desfecho de narrativa. Por conta, possivelmente, de muitas dessas possibilidades, várias crianças e jovens que escreveram para Monteiro Lobato nas décadas de 20 a 40 do século XX procuraram manter ativa essa correspondência já que viram em Lobato um correspondente preocupado com seu leitor e assíduo em suas respostas a ele.

Ao falarmos sobre “cartas”, é possível, por um lado, pensar nelas a partir de sua materialidade:

a qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d’água, assim como os instrumentos da escrita espelham códigos sociais, entremostrando a mão – a classe, escolaridade, formação cultural – de quem escreve. Sobrescritos, carimbos e selos nos levam ao funcionamento das instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita.<sup>247</sup>

Ou ainda por outro lado,

enquanto ‘ato’ no campo semântico da representação teatral, a carta coloca ‘personagens’ em ‘cena’. O remetente assume ‘papéis’, ajusta ‘máscaras’ em seu rosto, reinventando-se diante de seus destinatários, com objetivos afetivos ou práticos definidos. Sob o signo da encenação, a verdade expressa na carta – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos – é sempre pontual e cambiante<sup>248</sup>

Pensando nesses dois aspectos, material e de representação, apontados por Moraes (2008), vejamos como alguns missivistas se prepararam para enviar cartas não apenas a Lobato, mas também a algumas de suas personagens.

### **O arquivo Raul de Andrada e Silva e suas cartas de crianças e jovens a Lobato e suas personagens**

Estudar as cartas de crianças e jovens disponíveis no Arquivo Monteiro Lobato, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na USP, requer um certo fôlego para ler toda a correspondência que lá se encontra. Esse fôlego se transforma em um grande prazer porque é muito interessante conhecer um pouco sobre o que os missivistas crianças e jovens escreviam sobre as leituras que faziam das obras infantis de Lobato, do desejo que manifestavam por conhecer o escritor e da ousadia em pedir, mais de uma vez, para serem inseridos em algumas de suas obras como personagens.

Sabe-se que alguns desses desejos foram satisfeitos por Lobato, em especial, no livrinho *Circo de Escavatinhos*, publicado em 1929, e ilustrado por Belmonte. Anos mais tarde, em 1931, ao publicar *Reinações de Narizinho*, que reunia todas as estórias publicadas de forma “avulsa” na década de 20, Lobato retiraria a presença

<sup>246</sup> Impossível não lembrarmos do poema “Cartas de amor”, de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos.

<sup>247</sup> MORAES, M. A. de. Sobrescrito. In: *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8/9, p. 8, 2008.

<sup>248</sup> *Ibidem*, *idem*.

das crianças missivistas que tinham sido inseridas anteriormente no livrinho. Talvez por não poder satisfazer a todos os missivistas que lhe escreviam com o mesmo desejo, o escritor tenha evitado que apenas alguns fossem imortalizados no texto.

Outros desejos nas cartas versavam sobre obterem uma fotografia de Lobato ou que ele enviasse algum livro em alguma edição não mais encontrada no mercado, ou mesmo que destinasse alguns de seus livros para a escola do remetente ou ainda informando o escritor que o Clube de Leitura escolar recebera o nome dele. Enfim, esses e diversos outros desejos e assuntos dessas crianças e jovens de todo o país ficaram arquivados no IEB e podem ser consultados por pesquisadores que se debruçam sobre a obra infantil de Lobato.

Essas cartas pertencem ao Arquivo Raul de Andrada e Silva – Dossiê Monteiro Lobato. Ao todo as missivas de crianças e jovens somam 246 catalogadas. As datas delas pertencem ao período que se estende de 1932 a 1946<sup>249</sup>. Alguns missivistas encaminharam apenas uma carta, outros mantiveram uma correspondência mais ativa como é o caso de vários deles que escreveram, cada um, entre 5 a 9 cartas. Há, de algumas poucas, a resposta de Lobato, como é o caso da menina Maria Luiza, cujas respostas a suas duas cartas encontram-se no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), na Unicamp, no Fundo Monteiro Lobato (há 3 cartas de Lobato à menina). Há também algumas do menino Gilson, com quem Lobato voltou a se corresponder quando o garoto já estava um rapaz adulto. Eliane Debus, em sua tese de doutorado, publicada posteriormente em livro, em 2004, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, publica uma dessas cartas-resposta de Lobato, depois de conseguir entrevistar o missivista Gilson Maurity Santos, na época da pesquisa dela ainda vivo. Ou ainda cartas de Lobato a Alariquinho, um dos meninos que aparece em *Circo de Escavatinhos*, publicadas na obra *Cartas Escolhidas*, coletânea de cartas de Lobato a diversos missivistas. A família desse garoto era amiga de Lobato.

Quando tratamos dos arquivos de Monteiro Lobato, é sempre importante lembrarmos que eles não se encontram apenas no IEB. Lá, temos esse arquivo de cartas de crianças e jovens como também 75 cartas de adultos. Há o Fundo Monteiro Lobato, acima mencionado, no CEDAE, Unicamp, que apresenta diversos documentos, livros, recortes de jornais e cartas. São 600 manuscritos/datiloscritos e 468 impressos; de iconografia há 600 fotografias, 165 desenhos e aquarelas e 7 tridimensionais: objetos<sup>250</sup>. Os documentos começam em 1822 e se estendem até 1948. Há ainda o acervo público da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, talvez o espaço mais antigo detentor de obras, como primeiras edições, que pertenceram a Lobato ou que foram doadas para o acervo. Há também os Cadernos de Recortes de Dona Purezinha, esposa do escritor, bem como algumas cartas da correspondência ativa e passiva de Lobato, fotografias, além de móveis, roupas e objetos pessoais que pertenceram ao escritor de Taubaté. No total são cerca de 4500 mil itens recebidos

<sup>249</sup> Informações obtidas na tese de RAFFAINI, P. T. *Pequenos poemas em prosa: Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191 p. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

<sup>250</sup> Informações disponíveis na página do CEDAE: <<https://cedae.iel.unicamp.br/guia.php?view=details&id=c9f0f895fb98ab9159f53fdo297e236d>>, acesso em 25 jan. 2022.

basicamente por doações da família do escritor. Além desses acervos, há outros, como o do Itaú Cultural/SP, que detém o livro de assinaturas das personagens. Teria Lobato inventado tais assinaturas, modificando a letra a cada vez. Além desses, há o acervo do Instituto Monteiro Lobato, em Taubaté<sup>251</sup>.

Também é relevante apontar aqui a diferença que Reinaldo Marques, em sua obra, *Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios* (2015), apresenta para arquivo de escritor e arquivo literário. Segundo Marques, arquivo de escritor é:

designação de um “arquivo pessoal, cuja localização se dá no âmbito do privado, de uma economia doméstica. Trata-se de arquivo formado por um escritor ou escritora, relacionado à sua vida e atividade profissional, cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares. [...] [geralmente são] heterogêneo[s], revela[m] uma intencionalidade ordenadora, mas sem se submeter, de modo geral, a princípios organizacionais preconizados por saberes especializados<sup>252</sup>

Por sua vez, depois que o arquivo do escritor é direcionado para uma instituição pública ou privada, devemos entender que ele passa a ser um arquivo literário e que, para o estudioso já citado, arquivo literário seria, então:

o arquivo pessoal do escritor alocado no espaço público, sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais. Mantido com dinheiro do Estado ou mesmo de instituições privadas, o arquivo do escritor deve agora estar acessível para consultas e pesquisas, tanto por parte de pesquisadores acadêmicos quanto do cidadão de maneira geral.<sup>253</sup>

Por volta de 1946, quando partia para a Argentina, Lobato teria oferecido a Edgard Cavalheiro, um de seus grandes amigos, boa parte de seu arquivo pessoal. Cavalheiro aceitou e, a partir desse material, publicou, em 1955, a primeira biografia de Monteiro Lobato. Cassiano Nunes, que trabalhou com Edgard Cavalheiro, teria informado, no início dos anos 80 que, após a publicação da biografia, a viúva de Lobato, dona Purezinha, teria pedido a devolução do arquivo. Nelson Palma Travassos também testemunhou no mesmo sentido, afirmando que o arquivo não permanecera nas mãos de Edgard Cavalheiro “depois da morte do autor de Urupês”, o que levanta a possibilidade, inclusive, de o arquivo ter sido retornado ainda antes de publicada a biografia<sup>254</sup>. Outra parte teria ficado com a amiga Marina de Andrade Procópio de Carvalho, e seria essa a que foi doada ao IEB, pelos familiares do tio dessa senhora, Raul de Andrada e Silva, que foi professor no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Outra parte, a família doou, no final dos anos 90 para o CEDAE, na Unicamp<sup>255</sup>, segundo Raffaini (2008). Talvez por isso, hoje, tenhamos o arquivo pessoal de Lobato dividido e espalhado em, no mínimo, três grandes centros de documentação que administram os arquivos agora literários do escritor.

<sup>251</sup> Informações disponíveis em <<https://biblioteca.ieml.org.br/index.php?module=gnutecaz3&action=main:search:simple>>, acesso em 30 jan. 2021.

<sup>252</sup> MARQUES, R. *Arquivos literários: Teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015, p. 19.

<sup>253</sup> Ibidem, idem.

<sup>254</sup> Informações presentes em D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, pgs. 32 e 34.

<sup>255</sup> Informações presentes em RAFFAINI, P. T. Op. cit., 2008.

As cartas de crianças e jovens pertencentes ao Dossiê Monteiro Lobato, no IEB, já foram motivo de pesquisas integrais, como é o caso das teses de: Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, de 2001<sup>256</sup>, e Patrícia Tavares Raffaini, *Pequenos poemas em prosa: Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*, em 2008; ou parciais, exemplos de Emerson Tin, *Em busca do Lobato das cartas: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, 2007, e Raquel Afonso da Silva, *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores*, 2009. Há ainda, anteriores a essas pesquisas, a própria biografia de Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato, vida e obra*, de 1955, e a biografia elaborada por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, de 1997, *Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia*. Esses dois últimos foram publicados em forma de livros e apresentam parte destinada a essas cartas de crianças e jovens (caso de Cavalheiro) ou um capítulo voltado para elas (caso de Azevedo e demais autores).

Todos esses trabalhos de pesquisa se fundam numa tentativa de entendimento sobre como as missivas de crianças e jovens enviadas a Lobato poderiam contribuir para melhor compreender o universo de produção das histórias infantis do autor a partir da opinião de seu público leitor, e/ou como isso poderia ter contribuído para uma proposta de projeto de leitura que, como alguns estudos apontam<sup>257</sup>, havia nos textos infantis lobatianos, ou ainda que máscara de si e imagem do outro esses missivistas costumavam construir. A tudo isso também se soma o trabalho de estudo da materialidade dessas missivas que, em muito, enriquece a possibilidade de compreender o universo de práticas de escrita e de leitura das crianças e jovens entre os anos 20 e 40 do século passado<sup>258</sup>. Lembramos aqui, palavras de Raffaini, sobre as essas cartas:

as cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas à recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros<sup>259</sup> (RAFFAINI, 2015, p. 131).

Na tentativa de agregar conhecimento a essas discussões, nosso trabalho de pesquisa procura se debruçar sobre sete cartas que, no conjunto do arquivo do IEB, percebemos serem direcionadas (direta ou indiretamente<sup>260</sup>) às personagens Emília e Dona Benta. Dentre essas sete cartas, temos duas destinadas diretamente à Emília, quatro à Dona Benta e uma indiretamente destinada a essa última personagem<sup>261</sup>.

<sup>256</sup> Em 2004, Eliane Debus publicou, com o mesmo título, a tese em formato livro.

<sup>257</sup> Podemos citar aqui o livro de ACIOLL, Socorro. *Aula de leitura com Monteiro Lobato*. São Paulo: Biruta, 2012 ou mesmo texto de LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

<sup>258</sup> As teses de Raquel Afonso da Silva, e Patrícia Raffaini, anteriormente citadas, também discutem essa questão.

<sup>259</sup> RAFFAINI, P. T. Cartas das crianças: Reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940. In: *Angelus Novus-USP*, a. VI, n. 10, p. 129-158, 2015.

<sup>260</sup> Estamos chamando de cartas “diretamente direcionadas” àquelas cujo interlocutor está grafado em forma de vocativo no texto; já às indiretas, fazemos referência ao vocativo vir como Monteiro Lobato, mas, na verdade, o missivista se servir do escritor para pedir que ele encaminhe a cartinha a determinada personagem.

<sup>261</sup> Como nossa pesquisa ainda está em processo, optamos por não identificar todos

Dos missivistas que escreveram à Emília e Dona Benta, temos: um que enviou seis cartas sendo: 4 para Lobato, uma para Emília e uma à Dona Benta; um que enviou duas, uma a Lobato e uma à Emília; um que enviou duas cartas, sendo uma para Dona Benta e uma para Lobato; dois que enviaram apenas uma carta cada um, sendo ambas para Dona Benta; e um último que enviou duas cartas, sendo ambas para Lobato, mas uma indiretamente para Dona Benta. É dessa última que trataremos um pouco mais detalhadamente. Abaixo segue uma transcrição da carta:

Juiz de Fora, 22-02-1945

Sr. Monteiro Lobato

Acabo de ler o seu livro “Emília no País da Gramática” e venho por meio desta agradecer ao senhor o muito que aprendi com ele.

Já li 5 livros seus e cada vez gosto mais de lê-los porque sempre aprendo alguma coisa.

O senhor tem um modo tão simples de dizer as coisas difíceis que elas se tornam logo fáceis.

Acho tanta graça da Emília que quando estou lendo dou boas risadas.

Sempre tive vontade de escrever ao senhor mas fico pensando nos erros que vou cometer e acabo desistindo.

Hoje afinal resolvi-me e estou escrevendo

O objetivo desta é pedir-lhe um grande favor.

**Eu quero que o sr. faça o obséquo de pedir à D. Benta que me ensine mais alguma coisa de Português além do que ela já ensinou no livro.**

**Digo já porque. É porque eu quero inscrever-me num concurso e quase não sei português.**

**Se ela pudesse fazer-me este obséquo eu ficaria tão satisfeita!**

**Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada.**

**Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carretos quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho.**

**Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei.**

Já estou estudando matemática e quero fazer tudo para ver se passo.

O senhor acha que ela me ajudará?

Não vou dizer a ninguém que vou fazer o concurso, porque se eu passar será uma surpresa agradável, e do contrário só eu ficarei triste, não é mesmo?

Vou terminar pedindo que o senhor me desculpe a minha ousadia.

Para falar com sinceridade fiz força para escrever esta carta pois o senhor sabe tanto.

Junto a esta vai o programa de Português do Concurso para que d. Benta o veja.

Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé).

Wanda Côrtes

Rua Dr. Antônio Carlos, 441

Juiz de Fora<sup>262</sup>

A missiva acima foi escrita à mão em quatro páginas de papel pautado e segue junto a ela um recorte de papel datilografado com conteúdos de Gramática e Matemática. Sua autora reside em Juiz de Fora e é uma jovem que devia ter entre 13 e 17 anos (“eu ganho uma ninharia onde trabalho”). A missivista Wanda Côrtes, em fevereiro de 1945, envia sua primeira carta ao escritor pedindo-lhe o grande favor de solicitar à Dona Benta que lhe ensinasse alguns pontos de Gramática,

---

os missivistas neste trabalho.

<sup>262</sup> Arquivo Raul de Andrada e Silva, cx. 01-P03-26. Os grifos em negrito são nossos.

SANTANA-DEZMANN, Vanete; MILTON, John; D'ONOFRIO, Silvio Tamaso (Orgs.).

*Monteiro Lobato: Novos Estudos – III Jornada Monteiro Lobato.*

Lünen-Alemanha: Oxalá, 2022. ISBN 9783946277644.

conteúdos que ela sofria muito por aprender, porque, embora tentasse se dedicar ao estudo deles, não conseguia dominá-los (“Tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada”). Eles seriam fundamentais para que ela pudesse ser aprovada em um concurso público (“É porque eu quero inscrever-me num concurso”), ao que tudo indica, para ajudar no sustento da família: “Preciso muito passar neste concurso, pois Papai está desempregado (faz carretos quando têm) e eu ganho uma ninharia onde trabalho”. O pedido parecia certo: “Tenho certeza de que se ela ensinar-me eu aprenderei”.

Convido aqui o leitor curioso a buscar seu volume de *Emília no País da Gramática*, ou mesmo baixá-lo no Google, já que, por estar em domínio público a obra, certamente será fácil conseguir uma cópia do texto para conferir o porquê de, possivelmente, a missivista solicitar a Dona Benta as “aulas” de Gramática, mesmo sabendo que quem acompanha a turma ao país dela é o rinoceronte Quindim, ele sim “um grandíssimo gramático<sup>263</sup>”, segundo Emília.

Logo no início do texto, Dona Benta sugere a Pedrinho rever alguns conteúdos de gramática durante as férias dele. Em um primeiro momento, o menino acha uma maçada, afinal, o professor de Gramática da escola já o caceteava com esse conteúdo durante todo o ano letivo. Mas *a posteriori*, quando as tais aulas começam, Pedrinho se anima e afirma “– Ah, assim, sim! – dizia ele. – Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios<sup>264</sup>”. Se o rapazinho se animava assim com a avó ensinando, ainda que nas férias, o que ela não poderia fazer pela jovem Wanda! E a leitora já havia lido outras obras de Lobato: “Já li 5 livros seus e cada vez gosto mais de lê-los porque sempre aprendo alguma coisa”. Embora não saibamos quais sejam tais livros, em diversos deles Dona Benta aparece sempre ensinando algo de forma agradável e divertida. Na primeira biografia de Monteiro Lobato, redigida por Edgard Cavalheiro, temos:

Dona Benta não tem mistério: é uma vovó como todas as outras, talvez um pouco mais inteligente e compreensiva do que a média. Mas possui de todas as vovós a qualidade mestra, que é deixar os netos fazerem o que lhes der na telha. A grande habilidade de Dona Benta é saber explicar as coisas mais difíceis de um ‘modo que até um gato entende’.<sup>265</sup>

Se a jovem encaminha a carta a Lobato, sabendo que ele é o criador das personagens, por que motivos solicita que ele a direcione a Dona Benta? Nessa idade ela já não saberia que a avó é uma criação literária de seu criador, Lobato? Seria uma espécie de ilusão que Wanda teria criado para si mesma, na esperança de que o autor lhe enviasse por escrito algum material para estudo? Ou será que os textos literários lidos, de fato, ainda surtiriam nela o efeito da imaginação e a jovem preferiria se manter na ilusão de que a personagem-avó existiria como alguma pessoa da família do autor?

Somos propensos a acreditar que a jovem prefere criar um tipo de argumentação com Lobato que o faça ceder a sua necessidade de talvez receber um material mais acessível para aprender a tão famigerada gramática. Vejamos o

<sup>263</sup> LOBATO, M. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 6.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p. 6-7.

<sup>265</sup> CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1.



porquê dessa nossa crença. Desde o início, a carta é enviada a Lobato. Ela agradece ao escritor logo na primeira linha por ter aprendido tanto com o texto dele: “venho por meio desta agradecer **ao senhor** o muito que aprendi com ele” (grifos nossos), e na sequência, afirma: “sempre tive vontade de escrever **ao senhor**” (grifos nossos) e, à frente: “o objetivo desta é pedir-**lhe** um grande favor”. Na sequência, (ver todo o texto da carta acima em negrito) é como se a missiva fosse para Dona Benta, basta trocarmos todas as marcas que o remetem a Lobato por Dona Benta. Seria essa mistura entre realidade e ficção, presente na carta de Wanda, uma tática intencional da missivista para convencer seu interlocutor? Ela acrescenta, ao final, o envio do plano do concurso com o conteúdo gramatical a ser aprendido, em forma de recorte de jornal, que está até hoje junto a sua carta no IEB. Reproduzimos abaixo esse conteúdo:

PARTE: Escrita, compreendendo: a) Português, constante de correção de textos que apresentem erros relativos a assuntos do seguinte programa: 1-Ortografia oficial. 2-Flexões nominais, principalmente as dos nomes compostos. 3- Pronomes; formas oblíquas e suas colocações na frase. 4-Verbos regulares, irregulares, defectivos e pronominais. Uso impessoal dos verbos haver e fazer. 5-Sintaxe regular de concordância. 6- Regência de verbos usados com mais frequência. Uso da crase.

Impossível confirmarmos se tal recurso de convencimento da jovem emissora fora pensado dessa forma, mas o que é possível sabermos é que Lobato ficou comovido, de certa forma, com o poder de sua ficção na vida de seus leitores e, como respondia às missivas de praticamente todos os seus correspondentes crianças e jovens, precisa pensar na resposta a ser dada para Wanda. Talvez isso o tenha preocupado a ponto de comentar sobre tal missiva em outra com o amigo Godofredo Rangel. Essa carta primeira de Wanda é datada de 22/02/1945. Na de 05/03/1945, ao amigo, Lobato diria:

Como é interessante a minha correspondência! Não imaginas as cartas que recebo das crianças. Junto uma que me devolverás. A coitadinha, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, recorre a mim para que peça a Dona Benta que lhe explique o ponto. Ora, como eu não sei gramática, sou obrigado a recorrer a uma e aprender o que ela quer que Dona Benta explique, “regência dos verbos mais frequentes”. Eu devo saber isso muito bem, mas não ligo o nome à pessoa. Antigamente você me resolvia as dúvidas gramaticais, quem sabe se ainda tem ânimo de me explicar isso? Por que se eu for ver na gramática sou até capaz de não achar, de tal modo eu me perco naquele báratro<sup>266</sup> (LOBATO, 1956, p. 366).

E aqui podemos ver como Lobato reage a tal situação. Envia a correspondência ao amigo que a devolve (a carta está no IEB) e, provavelmente, Rangel pergunta a Lobato se ele sabe quando será o concurso. Como sabemos disso? Através da segunda carta da jovem:

Juiz de Fora, 08-03-1945

Sr. Monteiro Lobato

Recebi hoje a resposta de minha carta.

Obrigada por tudo. Quer dizer o senhor já falou com D. Benta?

Ela vai ajudar-me?

Não sei quando será o concurso.

<sup>266</sup> LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. 1, p. 366.

Talvez seja em junho.  
Eu tinha vontade de ser anjo porque assim não precisaria estudar português,  
não é mesmo?  
Diga a D. Benta que cada vez eu gosto mais dela.  
Vou rezar sim mas acho que os anjos e os santos estão muito ocupados e não  
querem ouvir os meus pedidos. Mas eu vou insistir.  
Termino agradecendo desde já ao senhor e a D. Benta.

A amiga

Wanda Côrtes

Rua Antônio Carlos ,441. Juiz de Fora- MG<sup>267</sup>

Nessa segunda missiva, também escrita à mão em papel pautado, datada de 08/03/1945, aproximadamente 15 dias depois da primeira, Wanda agradece antes de perguntar se ele já havia falado com Dona Benta. Talvez seja algo como: “Então, o senhor já falou com ela?”. E a pergunta que segue: “Ela vai ajudar-me?”, poderia ser uma pergunta retórica, pois na sequência ela informa que não sabe quando será o concurso. Haveria a pergunta sobre isso na resposta de Lobato? Vem a resposta duvidosa dela: “Talvez em junho”. Finalmente, pede a Lobato que diga a Dona Benta que cada vez ela gosta mais dela e insiste que vai rezar, sim, por eles. Na primeira carta, ela informa que rezaria para Dona Benta, para Lobato e para os familiares todos dele, embora ache que os santos andavam meio ocupados porque parecia que não a ouviam: “Vou rezar para ela e o sr. e todos os seus para que sejam muito felizes (Sei que o senhor não liga muito para isso, mas tenho fé)”. Ela sabe que Lobato não dava muita importância à religião. Teria apreendido isso em suas leituras das obras do escritor? Mais um dado que nos revela que a argumentação da jovem talvez não fosse, de fato, tão ingênua quanto parece. Enfim, reafirma que insistirá em suas orações, o que também pode nos dizer que insistirá nas “aulas” solicitadas a Dona Benta/Lobato.

Finalmente, aqui nos permitimos ficar mesmo com a dúvida sobre qual teria sido o diálogo, de fato, estabelecido entre emissor e interlocutor, já que temos as duas missivas de Wanda Côrtes, mas nenhuma de Lobato. Dele, apenas especulações a partir da segunda carta da jovem e da enviada a Rangel. A única certeza que se manifesta é a de que há máscaras vestidas pela missivista que, de forma bastante inteligente, parece entrar no jogo, que o próprio Lobato criara, a partir do mundo narrativo e ficcional construído na saga do Sítio do Picapau Amarelo.

### Considerações Finais

A arte de escrever cartas foi uma das muitas cultivadas pelo escritor de Taubaté, mas, além de escrever, dedicava sempre parte de seu dia para responder às inúmeras que recebia, em especial, de seu público infantil e juvenil. Marina de Andrade Procópio de Carvalho, amiga pessoal de Lobato e a quem ele inicialmente entregou parte de sua correspondência recebida de crianças e jovens, escreve no prefácio à obra *Prefácio e entrevistas*, de 1948:

As manhãs ele as consagra à sua correspondência, sobretudo à infantil. E o carinho e o respeito que dedica à correspondência com as crianças toma um caráter ritual religioso. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança.

<sup>267</sup> Arquivo Raul de Andrada e Silva (IEB-USP), cx. 01-P03-26.

Elas constantemente lhe enviam pedidos de livros ou de pó de pirlimpimpim; ou fazem sugestões, reparos, críticas etc. Pedem bolinhos de tia Nastácia, ou que faça a Emília comparecer a festas de aniversário. Também querem aparecer nos livros, tomar parte nas aventuras com seus animais favoritos - o gato Manchinha ou o “meu cachorrinho Totó”. Criticam, e quase sempre com acerto, as ilustrações de Belmonte e outros desenhistas, pois exigem completa concordância com o texto. E todas desejam conhecê-lo, chegam a implorar-lhe “alguns minutos de atenção, em local, dia e hora que o senhor possa indicar”<sup>268</sup>

Seu trabalho com a elaboração dos textos, criação e desenvolvimento das personagens fez de Lobato um homem que conquistou muitos leitores e admiradores. Suas personagens, sempre presentes nas seguidas narrativas infantis, constituíram o mundo onde muitas crianças desejaram morar, como o próprio Lobato preconizava.

O mundo da fantasia criado por Lobato, tão verossimilhante ao da realidade, conquistou admiradores que, por diversas vezes, talvez tenham acreditado na existência real das figuras ficcionais criadas por ele a ponto de termos até mesmo missivas encaminhadas a elas. É o caso que procuramos apresentar aqui. Mesmo que tenhamos escolhido uma carta-exceção, afinal, o vocativo nela presente é “Lobato”, não diretamente Dona Benta. Entretanto, indiretamente é a ela que a missivista recorre com a intenção, talvez, de convencer/confundir o escritor que teria caído em sua própria armadilha de sedução ao se ver frente a necessidade de “consultar” Dona Benta sobre as dúvidas de Wanda em relação à gramática. Na verdade, é ao amigo Rangel, *expert*, segundo o próprio Lobato, em Gramática, que o escritor acaba recorrendo como vimos na missiva encaminhada ao amigo mineiro.

Seguimos então na crença de que Monteiro Lobato conseguiu criar, na imaginação de seus jovens leitores, um mundo de máscaras/imagens no qual alguns de seus missivistas, mais ousados ou imaginativos, procuraram representar uma *persona* convincente para o escritor, seu interlocutor. Ou mesmo vestir uma máscara que o permitia criar uma imagem idealizada da personagem que mais o seduzia no mundo imaginário criado pelo próprio Lobato em seus textos infantis e, a partir disso, conseguir seduzir o escritor a atender seus pedidos inseridos nas cartinhas a ele enviadas.

---

<sup>268</sup> CARVALHO, M. de A. P. de. Prefácio. In: LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. XIII-XIV.